

## EDITORIAL

*Já faz tempo que os produtores gaúchos convivem com a estiagem, o abigeato e as questões fundiárias. Porém, desde o último trimestre de 2008, temos de enfrentar ao mesmo tempo os três problemas – isso sem contar outras dificuldades menores.*

*Há muitos anos, o Rio Grande do Sul é castigado pela estiagem no verão. Não é uma novidade para o homem do campo. Bastaria se precaver, investir em irrigação, pastagens cultivadas e majejo adequado para enfrentar o longo período sem chuva. No entanto, não existem programas que possibilitem os investimentos necessários para isso e, mais uma vez, o agropecuarista se ressentido da falta de políticas públicas que priorizem a produção de alimentos. Ele sente diretamente no bolso os efeitos da falta de um plano que viabilize ações de precaução. Toda a população sofre com as consequências: falta alimentação para os animais e, além do leite, carnes e hortigranjeiros encarecem.*

*Quem consegue contornar os problemas que a seca ocasiona ao rebanho, tem de se desdobrar para evitar o ataque dos abigeatários. No final do ano passado, logo antes das festas de final de ano, a periodicidade e o vulto das ocorrências aumentaram significativamente. Isso sem contabilizar os roubos à sede das fazendas, que dão contornos de faroeste à vida no campo. Enquanto os produtores têm cada vez mais obrigações legais para atender, do outro lado há mais fora-da-lei para combater.*

*Nos últimos tempos, o Estado não mais convive com o temor das desapropriações. No entanto, o Incra tem passado a adquirir as terras, muitas vezes por valores acima de mercado, o que incentiva os produtores a aderirem ao negócio. Se, por um lado, terminou o combate às desapropriações, por outro, aumentam os problemas dos municípios, que não têm qualquer aporte financeiro para ampliar o atendimento à população que chega repentinamente. Para os produtores, especialmente os lindeiros aos assentamentos, cresce o temor da destruição, da pilhagem e da insegurança. A única parte boa é que, ao aderir à política de compra de terras, o Incra admitiu que não há terras improdutivas no Rio Grande do Sul: para promover assentamentos, então, é necessário comprar as áreas.*

*Para solucionar todas essas questões, a Farsul tem buscado articulação com os governos, com as polícias e com a sociedade civil. Mas é imprescindível o envolvimento do produtor rural. Só com o apoio e a força do setor vamos conseguir mudar esta realidade e devolver ao campo a tranquilidade necessária para desempenharmos nossa atividade.*

## Pantano, sim. Por que não?

Blau Souza\*

Em tempos de mudança ortográfica, surgem muitos reformadores que vão bem além das decisões e investem contra usos consagrados. Ouvi muitos lamentarem que os gaúchos insistam no erro de dizer pantano, ao invés de pântano. A tal pronúncia espanhola se refere ao simpático município de Pantano Grande e espero que se mantenha. Um pouco de História pode ajudar... De 1763 e 1776 a maior parte do Rio Grande do Sul esteve em poder dos espanhóis que haviam conquistado a cidade fortaleza de Rio Grande e o domínio da entrada da Lagoa. Em 1773, era crítica a situação e não havia mais do que oitocentos homens em armas para defender todo o território português. A maior parte deles ficava na Guarda do Norte, fronteira às forças espanholas estabelecidas em Rio Grande. O segundo contingente, menos de trezentos dragões e milicianos, defendiam Rio Pardo. Pequenos contingentes se postavam em Porto Alegre, já capital, em vários passos dos rios Camaquã e Jacui, bem como em posições estratégicas como na Encruzilhada do Duro, entregue aos cuidados de Rafael Pinto Bandeira. As suspeitas de nova invasão castelhana se confirmaram e cabia a José Marcelino arranjá-lo com o que tinha. O novo governador de Buenos Aires Don Juan José Vértiz y Salcedo reuniu em Montevideu um exército de mais de mil homens, incluindo infantes e cavaleiros de Buenos Aires, de Santa Fé e de Corrientes. Partiram em 9 de novembro de 1773 e marcharam pelas cabeceiras do Rio Negro até chegar ao antigo pos-

to missionário de Santa Tecla. Aí iniciaram a construção de um forte com o mesmo nome, bem próximo de onde surgiria Bagé. Avançaram rumo a Rio Pardo, cortando as pontas do Camaquã e do Irapuá, enquanto aguardavam o reforço do capitão Antônio Gomes de Velasco com seus correntinos e contingentes indígenas reunidos em acampamento à margem do arroio Santa Bárbara. Foi lá mesmo, que Rafael Pinto Bandeira os surpreendeu, com pouco mais de cem homens, que incluíam dragões e aventureiros do paulista Cipriano Cardoso de

**O efeito foi terrível com cavalos e cavaleiros atolados sendo presa fácil para as forças portuguesas que deixaram seus esconderijos brandindo armas com grande estardalhaço. O efeito do pantano contribuiu muito para que o orgulhoso Vértiz, a duas léguas de Rio Pardo, iniciasse penosa retirada, desistindo de conquistá-la e ajudando a consagrá-la como tronqueira invicta.**

Barros Leite. Na madrugada do dia dois de janeiro de 1774, em meio à grande gritaria e a potros correndo em todas as direções com couros secos amarrados às suas caudas, a vitória foi completa para os lusobrasileiros. O comandante espanhol, oficiais e muitos soldados foram aprisionados, outros desertaram. Sem conhecer a derrota das forças do capitão Antonio Gomes de Velasco, Vértiz prosseguia em sua marcha e venceu pequeno contingente que protegia o Passo da Guarda Velha no Rio Piquiri. Por entre ameaças, intimou José Marcelino a entregar Rio Par-

do, enquanto enviava coluna com mais de quatrocentos homens, comandada pelo capitão Francisco Bruno de Zabala, rumo ao Passo do Tabatingá, onde havia guarda portuguesa muito ativa. Os homens de Rafael, reforçados pelo capitão José Carneiro da Fontoura, também se deslocaram para lá. Os espanhóis tomaram o passo e a cavallhada após pequena resistência. Os homens de Cipriano e de Carneiro da Fontoura permaneceram escondidos, enquanto Rafael, após cuidadosa passagem do banhado, subia tranquilamente com alguns cavaleiros a coxilha que sediava o posto da guarda, bem a vista dos espanhóis. Estes, querendo ampliar a vitória, se atiraram na perseguição dos adversários subestimando o tremedal no sopé da colina e que apenas podia ser enfrentado por conhecedores do terreno como Rafael. O efeito foi terrível com cavalos e cavaleiros atolados sendo presa fácil para as forças portuguesas que deixaram seus esconderijos brandindo armas com grande estardalhaço. O efeito do pantano contribuiu muito para que o orgulhoso Vértiz, a duas léguas de Rio Pardo, iniciasse penosa retirada, desistindo de conquistá-la e ajudando a consagrá-la como tronqueira invicta.

A tentativa de alterar o acento na palavra *Pantano* pode estimular mexidas em nomes de significado histórico e também espanhóis. Exemplos? *Palmas*, não serviria mais para designar locais com butiazeiros e outras palmeiras; nem *Seival*, relativo a *ceibo*, registraria a presença de corticeiras.

\* Médico e escritor

## EXPEDIENTE

## SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul

CASA RURAL  
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

**FARSUL**  
Presidente:  
Carlos Rivaci Sperotto  
Vice-presidente:  
Gedeão Silveira Pereira  
Diretor Administrativo:  
Francisco Lineu Schardong  
Diretor Financeiro:  
Jorge Rodrigues

**SENAR-RS**  
Presidente:  
Carlos Rivaci Sperotto  
Superintendente Interino:  
Carlos Alberto Schütz  
Div. Administração e Finanças  
Carlos Alberto Schütz  
Divisão Técnica:  
Taylor Favero Guedes  
Div. Planejamento e Projetos  
Saulo Gomes

**JORNAL SUL RURAL**  
Diretor: Décio Rosa Marimon  
Jornalista responsável:  
Marcela Duarte (MTB 9.870)  
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,  
Marcelo Curia e arquivo  
Colaboração: Alessandra Bergmann  
e Tiago Francisco  
Circulação Mensal  
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400  
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170